

“Uma vida dedicada à defesa do direito”

HORÁCIO RUIZ
Nosso correspondente

MANÁGUA — Na Nicarágua, a doença repentina do presidente brasileiro Tancredo Neves, sua agonia prolongada e sua morte foram notícia de primeira página, desde o primeiro até o último dia.

“Último recurso: congelar Tancredo” — proclamou o diário independente La Prensa, quando o especialista norte-americano recomendou que a temperatura do corpo do presidente fosse baixada para 30 graus.

O mesmo jornal deu, ontem, o seguinte título à notícia da morte de Tancredo Neves: “O Brasil chora por Tancredo”.

Quando Tancredo Neves não pôde assumir a Presidência, o fato foi considerado, aqui, um contratempo passageiro. Os médicos especialistas entrevistados explicaram que a diverticulite, de que sofria o presidente brasileiro, era uma questão de cuidado.

Não obstante, à parte a questão médica, os nicaraguenses comuns concentraram sua atenção sobre duas ironias que lhes pareciam evidentes.

A primeira reside no fato de os nicaraguenses, um povo envolvido na política, tomar como uma honra pessoal muito especial o ato de chegar à Presidência da nação — e considera uma espécie de obrigação chegar a obtê-la com paciência, esforço e boas alianças.

Para os nicaraguenses, foi “um fato único no mundo” a circunstância de Tancredo Neves ter ficado gravemente enfermo no mesmo dia em que deveria ser exaltado, recebendo essa honra máxima, que seria o coroamento de uma vida correta, com o respeito de todos os cidadãos.

A outra ironia reside no fato de o povo brasileiro, segundo se comentava, tendo tido que pôr de lado sua demanda de eleições diretas, ter confiado em Tancredo Neves como o homem que o conduziria a um caminho democrático e o afastaria do governo militar.

Os pormenores relativos à gravidade do estado de saúde do presidente, às complicações, e os sofisticados esforços enviados pelos médicos para salvá-lo também mereceram toda a atenção. Apesar de tudo isso, dias antes do decesso, já se tinha a certeza de que Tancredo estava condenado.

A opinião médica é que foram feitas tentativas de tirar Tancredo, rapidamente, do seu leito de enfermo, para

dar, o mais depressa possível, um ar de normalidade política à nação, e que talvez não tenha sido levado em conta o grau de perigo da enfermidade do presidente. Segundo essa opinião, ele deveria ter sido tratado com mais calma, ainda que precisasse tomar posse meses depois da data prevista.

ESPECULAÇÕES

No momento, os comentários giram em torno de quem é José Sarney; do motivo pelo qual a Presidência do Brasil foi ter às suas mãos inesperadamente; e, sobretudo, do que está reservado ao Brasil tendo Sarney como seu presidente — um líder que não foi eleito pelo voto popular, segundo se entende aqui.

Comenta-se que Sarney tem ligações com os militares, e, por fatalidade do destino, continuará a vigorar, de alguma forma, a influência da casta militar brasileira sobre a condução do País. Os efeitos que isso poderá ter sobre a condução da Nação e a reação do povo brasileiro são pontos que intrigam os nicaraguenses.

Naturalmente, a prolongada enfermidade de Tancredo Neves também despertou suspeitas — uma suspeita inevitável ao nível do povo, com o inevitável comentário de que alguém “fez mal” a Tancredo, para tirá-lo de cena. A reação oficial foi de pesar. Tancredo Neves era considerado um amigo da Nicarágua, pois em diversas ocasiões proclamou a solidariedade latino-americana e, de modo indireto, defendeu o direito da Nicarágua de viver sob um processo revolucionário.

O grau de estima que o governo sandinista tinha por Tancredo refletiu-se na nota de pêsames enviado pelo presidente Daniel Ortega ao presidente José Sarney, que, diz, em um trecho:

“Tancredo de Almeida Neves foi um incansável lutador pela dignidade e unidade dos povos latino-americanos, e sua solidariedade e amizade para com a Nicarágua constituem motivo de perene gratidão para os nicaraguenses”.

“Sua vida — continua a mensagem — simbolizou um compromisso constante com os valores da democracia e a autodeterminação dos povos. O desaparecimento de Tancredo Neves enluta os povos do Continente, que perderam um firme defensor do direito de todas as nações de transitar livremente, e sem ingerência externa, pelo caminho definido pela vontade soberana de seus próprios povos”.